EDIÇÃO
VIRA-VIRA!
DISNEY
GRAVITY FALLS
A LOJA DE
CONVENIÊNCIA...
DO HORROR!
UNIVERSO DOS LIVROS

DISNEY
GRAVITY FALLS
EDIÇÃO
VIRA-VIRA!
Feliz
SUMMERWEEN!

Feliz Summerween!

SÃO PAULO
2019

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Escrito por Samantha Brooke
Baseado na série animada criada por Alex Hirsch
Baseado no episódio "Summerween", escrito por Alex Hirsch, Zach Paez e Mike Rianda

Diretor editorial: Luis Matos
Gerente editorial: Marcia Batista
Assistentes editoriais: Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches
Tradução: Aline Uchida
Preparação: Nestor Turano Jr.
Revisão: Nathalia Ferrarezi e Marina Takeda
Arte, adaptação de capa e lettering: Valdinei Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

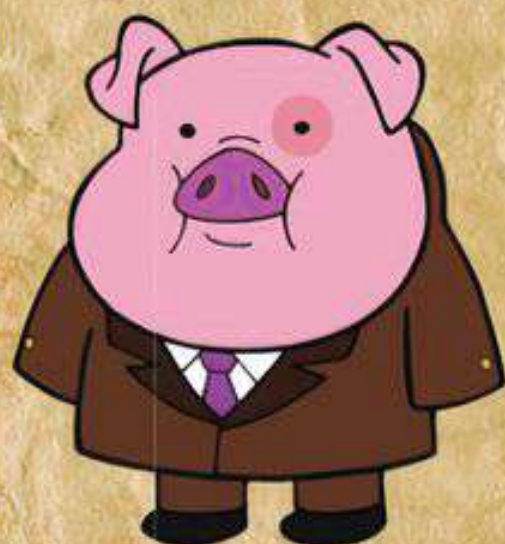
G818

Gravity Falls: Feliz Summerween! A loja de conveniência... do horror!/Samantha Brooke; tradução de Aline Uchida.
– São Paulo: Universo dos Livros, 2019.
64 p.: il., color.

ISBN: 978-85-503-0466-3
Título original: *Happy Summerween!/The convenience store... of horrors!*

1. Literatura infantojuvenil 2. Gravity Falls (Programa de televisão) I. Brooke, Samantha II. Aline Uchida

19-1880 CDD 028.5

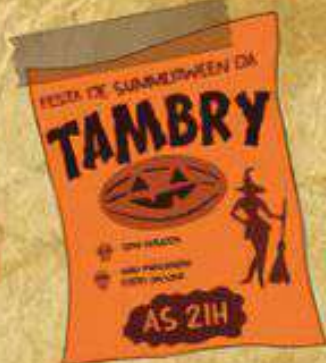
Tipografia: AR CENA e MonsterFonts
Impressão: Coan Gráfica

Em uma noite quente de Summerween, Dipper e Mabel estavam empolgados para pedir doces – como eles faziam todos os anos. E, nesse ano, eles usariam as melhores fantasias de todas!
LEMBRANÇAS DE Halloween
SAL E PIMENTA
GATINHOS FOFOS
ZUMBIS!
É MELHOR VOCÊS TEREM CUIDADO LÁ FORA. É A NOITE DOS FANTASMAS E DOS DUENDES. SEM MENCIONAR... O MONSTRO DO SUMMERWEEN!

– Soos, não precisa se preocupar com a gente – Dipper pediu, ansioso para vestir sua fantasia. Em seguida, ele pegou um doce do pote, comeu e quase o cuspiu completamente.

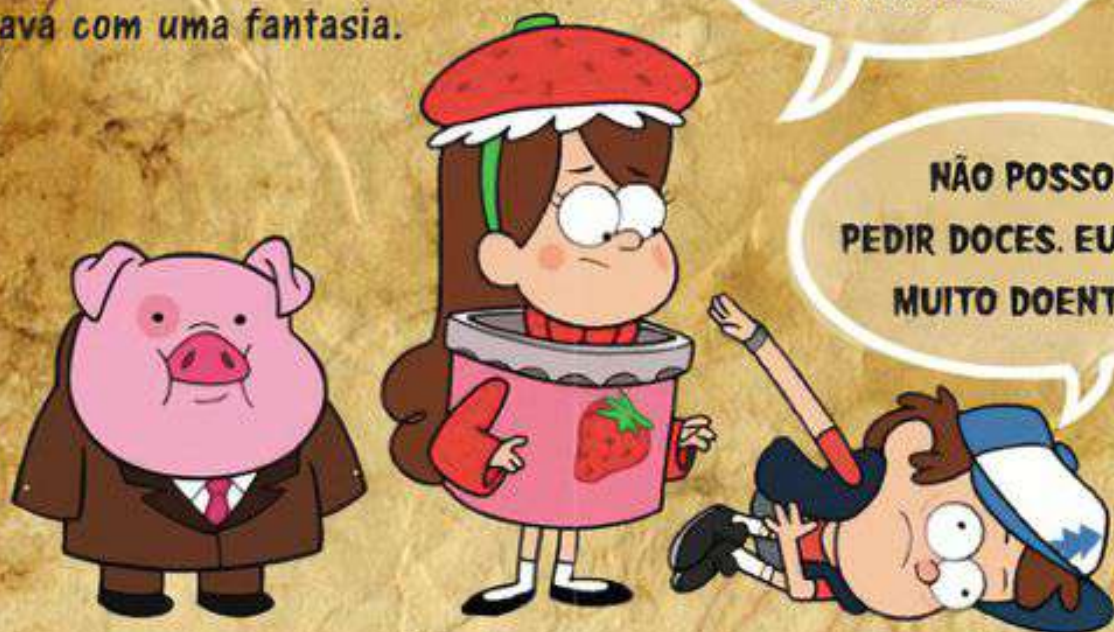
Enquanto Dipper jogava fora o doce barato, a campainha tocou. Quando ele abriu a porta, viu Wendy e Robbie do lado de fora.

– Ei, qual é a do doce? – Robbie perguntou a ele. – Você vai pedir doce de porta em porta?

– Bom, na verdade, eu… Pedir doces é pra crianças! – Dipper respondeu, nervoso, tentando causar uma boa impressão em Wendy.

– Devia vir pra uma festa com a gente – Wendy comentou.

As amigas de Mabel, Candy e Grenda, já estavam prontas para pedir doces de porta em porta.

– Esperem até vocês virem a fantasia do Dipper! – Mabel contou a elas.

Mas, quando Dipper apareceu, ele não estava com uma fantasia.

A campainha tocou novamente. Só que, dessa vez, Dipper abriu a porta e falou para o cara estranho que pedia doces que fosse embora.
– Dipper, cadê a sua hospitalidade de Summerween? – Mabel questionou. – Peço desculpas pelo meu irmãozinho! – ela disse à figura muito estranha à porta.
SILÊNCIO! SE VOCÊS CONSEGUIREM PEGAR QUINHENTOS DOCES E TRAZER PARA MIM ANTES QUE A ÚLTIMA VELA SE APAGUE, EU DEIXO VOCÊS VIVEREM.
E, então, ele saiu noite adentro.

– MEU DEUS, Mabel! Sabe o que isso quer dizer? – Dipper perguntou, com os olhos arregalados.

– Eu sei, sim... – Mabel respondeu, seriamente. E, então, ela sorriu. – Significa que você vai ter que pedir doces também! Viva!

– Quem era aquele cara? – Candy perguntou.

– É a lenda que o Soos nos contou – Dipper disse, horrorizado. – É verdade! O monstro do Summerween é real!

A primeira casa a que o grupo foi era a da Lazy Susan. Ela olhou para as fantasias de todos somente com o seu olho bom e, então, ficou em silêncio.

– E você, o que você deveria ser? – ela perguntou a Dipper.

– Na verdade eu não tô fantasiado de nada – Dipper explicou.

– Ah, entendo. – Ela deu a cada um deles um pedacinho miserável de doce.

– Você tem que colocar sua fantasia! – Mabel disse.

De volta à Cabana do Mistério, Dipper, a muito custo, colocou sua fantasia.

– Apresentando, pela primeira vez em público... manteiga de amendoim e geleia! – anunciou Mabel.

– Ownt – disseram Soos, Candy e Grenda ao mesmo tempo.

– Vamos logo, gente, tá legal? – Dipper pediu.

Mabel tinha razão! A fantasia dos gêmeos derretia o coração de todos em Gravity Falls.

Eles conseguiram muitos e muitos doces! Ao redor deles, as velas começavam a se apagar, uma a uma.

– São só oito e meia, e nós conseguimos o bastante! – comemorou Mabel, ao contar os doces.

Enquanto Soos ia pegar a caminhonete, os outros retornavam à cabana, e Dipper ficou responsável por vigiar os doces. Ele ainda poderia encontrar com a Wendy na festa!

Enquanto Dipper esperava, viu Wendy e Robbie se aproximando, em uma van. Ele empurrou o carrinho cheio de doces nas moitas, junto com a sua fantasia, para esconder que estava pedindo doces de porta em porta.

– Dipper! – Wendy chamou. – Você vai pra festa, né?

– Com certeza! – ele respondeu.

Mabel viu tudo o que
aconteceu.
VOCÊ VAI A UMA FESTA? VOCÊ NÃO
ESTÁ DOENTE! SE NÃO FOSSE POR ESSE
MONSTRO MALUCO, VOCÊ IA ME DAR O CANO.
NO NOSSO FERIADO PREFERIDO! O QUE HOUVE
COM O DIPPER QUE COSTUMAVA AMAR O
SUMMERWEEN...? E ONDE ESTÃO
OS NOSSOS DOCES?

– Eu deixei bem aqui, atrás desse arbusto – Dipper disse. Mas atrás do arbusto havia uma enorme vala. Os doces haviam caído nela e estavam flutuando em uma poça imunda!

Foi quando apareceu o monstro do Summerween.

– Infelizmente, é tarde demais – o monstro disse, agarrando todos os quatro.

Soos passou correndo pela rua em sua caminhonete e bateu contra o monstro.

Dipper, Mabel, Candy e Grenda se levantaram e correram até Soos, muito felizes.

– Aquele não era um simples pedestre, era? – Soos perguntou.

– Era o monstro! – Mabel falou, com um sorriso no rosto. – Você nos salvou!

– Nossa, tô feliz que acabou – Dipper disse para Mabel. Ela o ignorou, enquanto eles se amontoavam dentro da caminhonete e partiam em direção à cabana.

Dipper falou cedo demais! O monstro estava de volta. Ele pulou no teto da caminhonete, na tentativa de atacá-los.

A caminhonete derrapou, fora de controle, e foi em direção à Superloja do Summerween.

– Agora você tá preocupado com o monstro? Achei que você só queria saber da Wendy – Mabel sussurrou para Dipper.

– Mabel, você sabe que isso não é verdade – Dipper disse.

– Eu só achei que tava velho demais pra pedir doces.

– É exatamente por isso que precisamos pedir doces! Estamos ficando mais velhos. Não temos mais tantos Summerweens pela frente. – Mabel parecia mais triste do que ele jamais vira antes.

SE TIVESSE UM DISFARCE OU ALGO ASSIM. ENTÃO PODERÍAMOS NOS ESCONDER DO MONSTRO.

Sorte que a Superloja do Summerween estava repleta de fantasias que poderiam servir como ótimos disfarces!

As crianças se vestiram para que, a cada vez que o monstro se aproximasse delas, ele não pudesse identificá-las.

Elas já estavam chegando à porta, sãs e salvas, quando o monstro as viu.

– Soos, cuidado! – o grupo gritou.

Era tarde demais. O monstro havia engolido Soos numa abocanhada gigante!

– Ataquem! – o grupo gritou. Eles correram em direção ao monstro com as armas de suas fantasias. Conforme eles atacavam o monstro, algumas partes grudentas de seu corpo voavam neles. Grenda lambeu uma delas.

– Paçoca diet? – Grenda falou. – Credo!

O monstro do Summerween pegou os quatro.

– Sério que ainda não descobriram? – o monstro perguntou. – Não me reconhecem? – E, então, ele tirou a máscara. – Olhem o meu rosto. Bem de perto! – Ele era feito de...

– Doce barato e ruim! – Mabel disse, surpresa.

– Isso mesmo. Vocês já pararam para pensar no doce do fundo do saco, aquele de que ninguém gosta? – o monstro perguntou. – Todo ano, as crianças de Gravity Falls jogam fora os doces rejeitados no lixo. Então eu quero vingança. Vingança contra as crianças metidas que me deixam de lado! Ninguém me quis. Mas agora eu vou devorar vocês! – O monstro abriu a boca.

Ele estava prestes a comer as crianças quando, de repente, parou.

– O que é isso?

Algo no seu estômago havia dado um chute – a única pessoa que comeria doce barato e ruim: Soos! O monstro caiu no chão, derrubando todos.

– Espera... – o monstro gemeu, num último suspiro.

– Você realmente acha que eu sou saboroso? – ele perguntou a Soos.

– Tudo que eu sempre quis foi que alguém dissesse que eu era... bom.

O monstro do Summerween sorriu e chorou lágrimas de felicidade, que, na verdade, eram balas de milho. E esse foi o fim do monstro do Summerween.

Quando as crianças voltaram à Cabana do Mistério, ficaram surpresas ao ver Wendy lá.

– Eu não vi você na festa – ela disse.

– Eu, hã... Eu fui pedir doces – Dipper confessou, com orgulho – com a minha irmã.

– A festa tava chata mesmo. O Robbie comeu um pirulito e foi pra casa com dor de barriga – ela falou.

Dipper deu uma risadinha. Ele não se sentiu mal por ter perdido a festa. Na verdade, estava feliz.

– Doces? O que acham destes doces? – Tivô Stan estava segurando dois sacos enormes e os entregou a Dipper e Mabel, que começaram a comer.

– Sabem, crianças – Tivô Stan disse –, no fim das contas, o Summerween não se trata de doces, fantasias ou de assustar as pessoas. É um dia em que a família toda pode ficar junta num lugar e comemorar o que realmente importa: o verdadeiro mal! – Ele riu histericamente. Assim como todos à sua volta.

Então todos ficaram em silêncio.

– Eu devorei um homem vivo hoje – Soos revelou.

IMAGENS PARA RECORTAR E COLAR ONDE QUISER! :)

NÃO ENTRE
INFRATORES PODERÃO
SER MORTOS!

GATINHOS FOFOS
LEMBRANÇAS DE Halloween
DOCE SABOR LIÇÃO DE CASA

Disney
GRAVITY FALLS
B

A LOJA DE CONVENIÊNCIA... DO HORROR!

SÃO PAULO
2019

UNIVERSO DOS LIVROS

Escrito por Samantha Brooke
Baseado na série animada criada por Alex Hirsch
Baseado no episódio "A loja de conveniência... do horror!", escrito por Mike Rianda

Diretor editorial: Luis Matos
Gerente editorial: Marcia Batista
Assistentes editoriais: Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches
Tradução: Aline Uchida
Preparação: Nestor Turano Jr.
Revisão: Nathalia Ferrarezi e Marina Takeda
Arte, adaptação de capa e lettering: Valdinei Gomes

Mabel, Dipper e Wendy estavam trabalhando na Cabana do Mistério.

– Dança aleatória sem nenhum motivo! – gritou Mabel, enquanto ela balançava para lá e para cá, junto com Wendy.

– Dipper, não vai dançar com a gente, não? – Wendy perguntou a ele.

– Sabe, sim, senhor! – gritou Mabel.
– A mamãe fantasiava ele de carneiro e fazia ele dançar a... "dança do carneiro".

– Não é o momento de falar da dança do carneiro – Dipper respondeu, com os dentes cerrados.

– Fantasia de carneiro? – repetiu Wendy.

– O Dipper dançava muito e cantava música de pastoreio! – Mabel falou.

O relógio na parede tocou.

– Ah, olha só! Hora de sair! A turma tá me esperando – Wendy disse, indo embora.

– Ei, pera aí! – Dipper pediu. – Hã, talvez eu possa, quer dizer, nós possamos ir com você?

– Tá legal. Gosto da sua audácia. Vou pegar minhas coisas – Wendy respondeu, enquanto caminhava para o outro lado.

– Desde quando temos treze anos? – Mabel sussurrou. – Esse ano é bissexto? Temos só doze.

– Qual é, Mabel! – Dipper implorou. – Essa é a nossa chance de sair com os garotos legais. Tá. E com a Wendy também.

– Eu sabia. Você gosta dela! – Mabel berrou.

Fora da cabana, Wendy apresentou os gêmeos para a turma.

– Oi, gente, esta é a turma do meu trabalho, Mabel e Dipper.

– Então você trabalha de babá ou...? – Robbie perguntou.

– Qual é, Robbie – Wendy disse. – Gente – ela falou aos gêmeos –, estes são o Lee, o Nate, a Tambry, o Thompson e o Robbie; já devem ter sacado qual é a dele.

Robbie tentava parecer o mais descolado de todos, mas Dipper percebeu logo de cara que aquilo era fingimento.

– Vamos logo, gente! Eu tenho planos pra mais tarde – Wendy avisou, enquanto todos se amontoavam na van do Thompson.

Algum tempo depois, a van estacionou perto de uma construção abandonada, um tanto assustadora. Todos saíram de dentro do veículo.

– Aqui está, gente – Wendy disse. – A condenada loja de conveniência "Do anoitecer ao amanhecer".

– Por que será que fecharam? – A voz de Dipper estava agitada.

– Morreram uns carinhas ali. Daí o local ficou assombrado! – Lee explicou.

– Como vamos entrar? – Robbie perguntou enquanto empurrava a porta. – Tá emperrado.

– Será que eu posso tentar? – Dipper perguntou.

– Ah, é. Eu não consigo, mas o nenê aí vai quebrar tudo – Robbie argumentou, com um tom sarcástico na voz.

– Qual é, deixa ele em paz! Ele é só uma criança – Wendy disse.

Para provar que eles estavam errados, Dipper pulou em cima de uma caçamba de lixo e escalou o telhado.

– Vai, Dipper! – Mabel gritou.

– Aposto que ele nem vai conseguir. – Robbie riu sarcasticamente.

Mas, logo em seguida, Dipper abriu a porta de dentro da loja.

– Esse moleque é muito doido! Foi uma boa convidar ele! – Lee falou.

– Seu novo nome é Doutor Diversão! – Nate disse.

Mabel fez um "toca aqui" para Dipper.

– Mandou bem! – sussurrou Wendy, enquanto seguia atrás do restante do grupo para dentro da loja de conveniência.

– Será que aqui é assombrado mesmo? – Thompson perguntou.

– Gente, isso é mais sinistro do que eu imaginava – Wendy afirmou, com espanto.

– E o que a gente vai fazer agora? – Dipper perguntou.

– Tudo o que a gente quiser! – Wendy falou, com um jeito superdescolado, após acender as luzes.

– Guerra de comida! – todos gritaram, atirando donuts e doces uns nos outros.

Mabel descobriu o Patê Sorriso. O que seria somente um simples e pequeno pacotinho acabou se tornando um baita excesso de açúcar.

– Alivia um pouco aí, ô, Capitão Covarde – Robbie pediu.

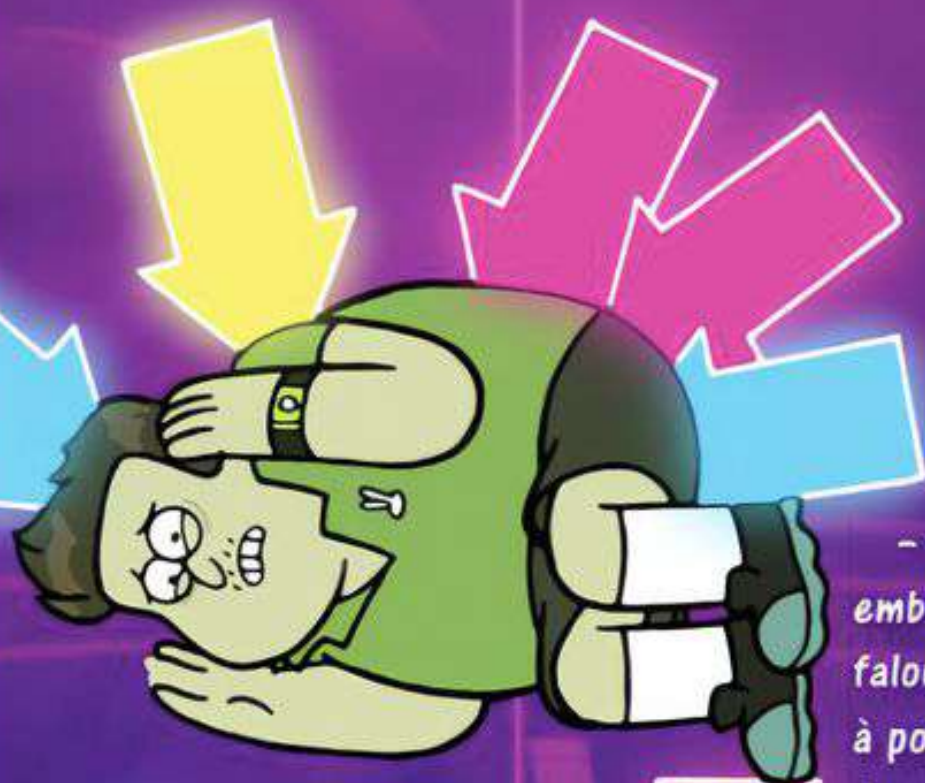
– Pensei que fosse Doutor Diversão – Dipper falou.

– Atualização de status: presa numa loja com um maluco de nove anos – reclamou Tambry.

Nesse momento, Dipper se jogou no chão e se deitou em cima do contorno de giz. As luzes na loja começaram a piscar e então se apagaram. Em seguida, Tambry foi enviada para dentro da TV! Ela tentava sair, dando socos na tela, mas estava presa ali.

– Calma aí! Eu tô quase batendo o meu recorde! – Thompson disse. Ele estava esse tempo todo jogando Revolução nas Calças Dançantes.

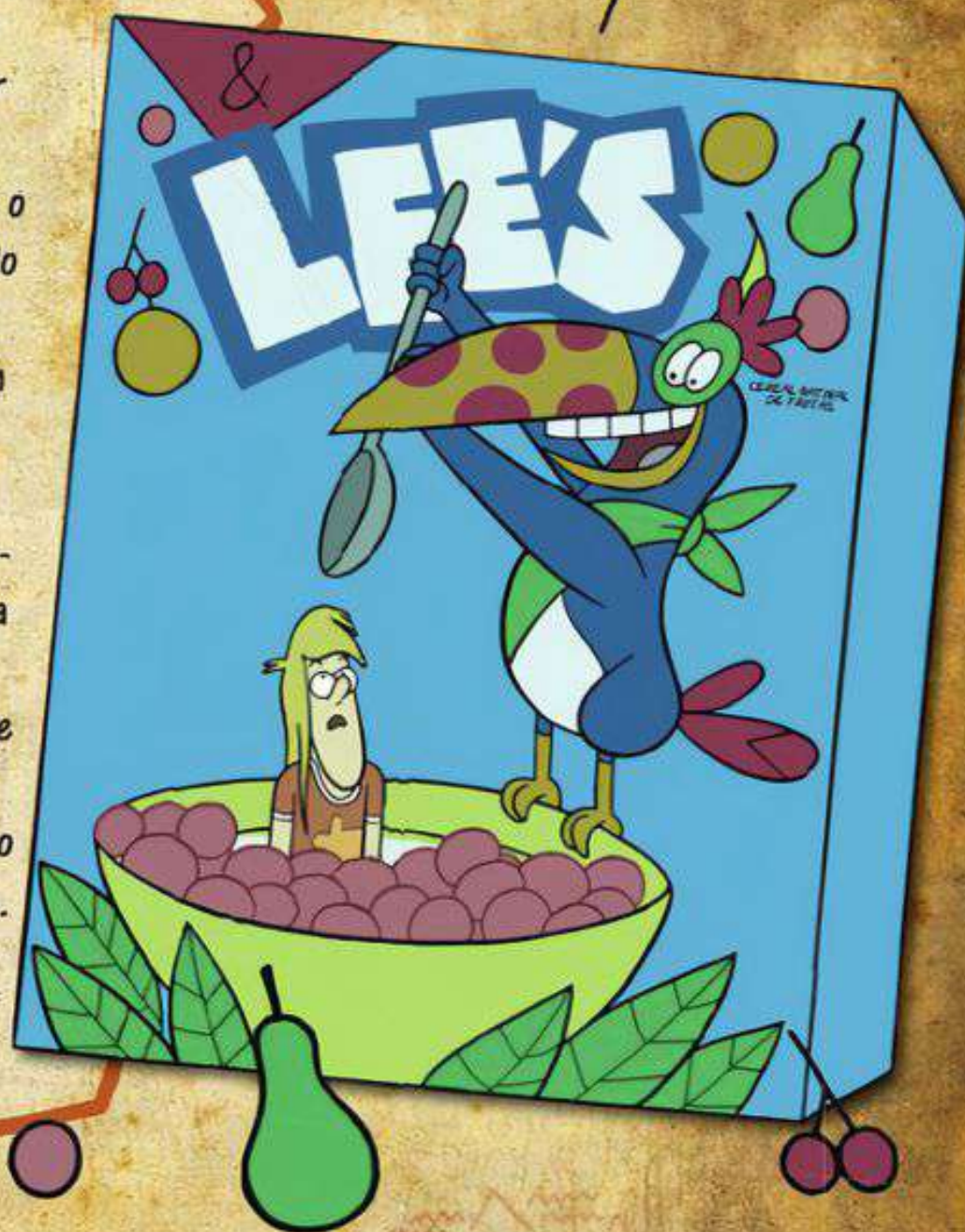
Entretanto, antes que Thompson pudesse dizer qualquer outra palavra, ele foi transportado para dentro do jogo!

– Socorro! – Thompson gritava conforme setas pontudas caíam em cima dele.

– Esquece ele! Vamos embora agora! – Robbie falou, correndo em direção à porta. Porém... ela estava trancada!

– Pera aí, galera! – Dipper gritou. – O que tá fazendo isso deve ter algum tipo de motivo. Se descobrirmos o que é, então vai deixar a gente ir embora!

– É isso aí, acho que o fantasma só tá querendo falar dos sentimentos dele – Lee sugeriu, com um tom sarcástico.

Nessa hora, ele foi transportado para dentro da estampa de uma caixa de cereal.

– Tô doidinho pra te comer vivo! – falou o tucano colorido maluco da foto da embalagem.

De repente, Mabel começou a flutuar no ar. Havia um brilho em volta dela e seus olhos estavam totalmente brancos.

– Bem-vindos ao seu túmulo, jovens invasores! – Mabel disse, com uma voz estrondosa que parecia ser de outro mundo. – Bem-vindos ao seu lar por toda a eternidade!

Em seguida, tudo na loja passou a voar pelos ares e o teto se transformou em chão.

– O que eles querem da gente? – Wendy gritou, enquanto corria com Dipper para dentro de um armário caído no chão.

– Tá bom, vamos descobrir qual é o padrão – Dipper falou. – Por que foram todos levados?

– É claro! – Dipper concluiu, rastejando para fora do armário. – Fique aqui até eu voltar.

– Cara, o que tá fazendo?! – Wendy perguntou.

– Aí, fantasma! – Dipper gritou. – Vou te contar uma coisa. Eu não sou adolescente!

De repente, todo o caos cessou. Mabel não estava mais possuída. E os fantasmas revelaram ser, na verdade, dois velhinhos muito simpáticos.

– Quantos anos você disse que tinha? – o senhor perguntou, com uma voz gentil.

– Tenho... – Dipper encarou Wendy – ... doze anos. Ainda não sou um adolescente – ele concluiu.

– Quando estávamos vivos, os adolescentes eram um terror na nossa loja. Então, resolvemos banir a entrada deles. Mas eles nos retaliaram com essa nova música, o rap – o senhor explicou.

– E as letras eram abomináveis! Foi tão chocante que nós dois enfartamos! – a senhora falou. – E é por isso que odiamos tanto os adolescentes! – E então, ela sorriu.

– Mas eles são meus amigos. Não há nada que eu possa fazer para ajudá-los? – Dipper implorou.

– Tem uma coisa, sim, que você pode fazer. Você conhece alguma dancinha engraçada? – o senhor perguntou.

– Hã... Olha, não tem outra coisa que eu possa fazer? – Dipper soltou.

O velhinho, então, foi de simpático a furioso em questão de segundos.

TÁ BOM. EU CONHEÇO A DANÇA DO CARNEIRINHO. MAS NÃO VOU PODER DANÇAR. TÔ SEM A FANTASIA AQUI.

O fantasma estalou os dedos e, na mesma hora, Dipper apareceu vestido com a fantasia.

– Muito bem. Aqui está ela – Dipper disse. Em seguida, com certa relutância, ele começou a dançar e a cantar. Ele nunca havia se sentido tão ridículo. E Wendy viu tudo.

– Foi muito, muito, muito bacana, menino! – o senhor comentou. – Seus amigos estão livres.

Os fantasmas desapareceram e, num flash de luz, tudo voltou ao normal.

– O que rolou depois daquela doidera toda? – Lee perguntou, ainda meio tonto.

– Vocês não vão acreditar. Apareceram fantasmas, aí o Dipper foi e... – Wendy dizia, mas se interrompeu abruptamente. Ela não queria envergonhar Dipper.

É, HÃ. E AÍ O DIPPER PEGOU UM BASTÃO E COMEÇOU A BATER NOS FANTASMAS A TORTO E A DIREITO. ELES FICARAM COM MEDO E SAÍRAM CORRENDO. FOI UMA LOUCURA SÓ!

– Uau! – todos disseram juntos. – Não brinca!

– Bom trabalho, Doutor Diversão! – Robbie comemorou, enquanto todos se amontoavam dentro da van.

– Da próxima vez, vamos ficar na Cabana do Mistério, tá? – Wendy falou a Dipper.

– Da próxima vez? – Dipper repetiu, sem conter nem um pouquinho sua emoção. – É! Vamos ficar na cabana! É! Ha-ha. É! – Ele lentamente entrou na van. – Vai ter próxima?